



ORIGEM DA FEIRA DO LARGO DA ORDEM, CURITIBA, EM 1970: DIÁLOGOS DE ARTE E *ZANATO*¹

Prof. Dr. Eduardo Antonio Bonzatto²

<http://lattes.cnpq.br/9031273202384299>

Prof^a Ms. Naja Kayanna Polichuk³

<http://lattes.cnpq.br/4394968136427297>

95

RESUMO – Este texto é parte de uma pesquisa ampla que navega em temporalidades difusas e permitem evidenciar algumas historicidades, outras territorialidades e espacialidades que por desejo compõe um palimpsesto que clama o largo da ordem em Curitiba-PR como papiro e pergaminho de escrituras ruidosas. A feira do largo da ordem, protagonista desse palimpsesto, é espaço de lutas e tensões desde a sua origem. Nesse sentido a arte e o *zanato* aqui, tecem um diálogo no qual o eco das palavras ainda pode ser ouvido, revestido de contemporaneidade e permeado de resistência.

PALAVRAS-CHAVE – feira, arte, *zanato*.

ABSTRACT – This text is part of a wider research that navigates diffuse temporality and historicity allow to highlight some other territoriality and spatiality than desire composes a palimpsest crying wide order in Curitiba-PR as papyrus and parchment noisy scriptures. The fair off the order, the protagonist of this palimpsest is space fights and tensions since its origin. In this sense the art and *zanato* here weave a dialogue in which the echo of the words can still be heard, coated and permeated contemporaneity resistance.

KEYWORDS – fair, art, *zanato*.

¹ *Zanato* termo cunhado pelos Híppies da Feira do Largo da Ordem em 1970, que indica produto de origem manufaturada e que, portanto, não era considerado artesanato.

² Professor e pesquisador doutor em história social.

³ Professora e pesquisadora mestra em ciências sociais aplicadas.



Que a arte nos aponte uma resposta
Mesmo que ela não saiba
E que ninguém a tente complicar
Porque é preciso simplicidade para fazê-la florescer;
Porque metade de mim é platéia
E a outra metade é canção...
E que a minha loucura seja perdoada
Porque metade de mim é amor
E a outra metade... também.

(Oswaldo Montenegro)

Que a arte na realidade não se aprende.

(Mário de Andrade)

Somos em geral mais ricos em tudo o que se pode herdar; portanto, também em todas as vantagens do artesanato, em todas as massas do mecânico, mas o que deve ser inato, o talento imediato, pelo qual se distingue o artista, parece ser mais raro em nossa época. E, todavia, eu gostaria de afirmar que ele continua existindo hoje tal como sempre existiu, mas que, como uma planta muito delicada, não encontra nem terreno e clima apropriados nem cuidado. (Johann Wolfgang Von Goethe)



Fig. 1

A feira do Largo da Ordem em 1974
Fonte: arquivo do autor

As feiras são espaços emergentes de atuação, são formadas muitas vezes pelas relações estabelecidas por pequenos grupos na sociedade, são mutáveis, transcorrem caminhos permeados por tensões, contradições e são um universo cheio de cores, sabores, cheiros e sociabilidades.

Assim como a feira do Largo da Ordem em Curitiba, no Paraná, que transcende sua essência em rituais de movimentação e afirmação, deslocou no tempo, espaço e território a sua história para se afirmar como um campo de lutas e tensões e também como uma das maiores feiras do Brasil na contemporaneidade, como podemos sentir a seguir, em meios as fotografias e registros



iconográficos, seu início em 1974, quando ela ocupou o Largo e uma breve vista panorâmica da dimensão a feira nos dias atuais:



97

Fig. 2

Feira do Largo da Ordem na atualidade.
Fonte arquivo do autor

Muitas das feiras existentes foram sendo institucionalizadas e permanecem como um espaço de acomodação, no sentido mais político, sendo que parte delas surgiu de pensamentos livres e de sociabilidades entrecruzadas, formando campos de batalhas intensas e de reinvenção de uma sociedade permeada pela industrialização em massa, globalização e frenesi de consumo.

Revirando o diorama da Feira do Largo, Feirinha do Largo como é mais conhecida, muitas circunstâncias se apresentam e nos evidenciam impasses, decisões políticas, valores que muitas das vezes, deslocam esse espaço e nos fazem sentir o saudosismo das relações humanas que em seu ápice de invenção era solidária, respeitosa e livre, quem sabe, de um único poder, horizontal, tal qual no começo do invento da Feira nas praças e sua migração para o Largo, onde permanece até hoje.



Fig. 3

Há um século, já com nome de Largo Zacarias, o logradouro público atraia os curitibanos que iam ao chafariz buscar água canalizada, desde o olho d'água existente na atual praça Rui Barbosa, ponto central da cidade. Em 1974 apresenta seu intenso movimento, a feira da praça Zacarias, início da feira do Largo da Ordem
Fonte arquivo do autor

Pois bem, desde a Idade Média até os tempos atuais as feiras existem como espaços onde os indivíduos se relacionam. No sentido primeiro, a feira era um espaço de troca de produtos e mercadorias que constituíam basicamente em alimentos e que garantiam a subsistência dos indivíduos. Esse período é caracterizado por uma sociedade monárquica, onde a Igreja exercia influência sobre a sociedade. O sistema político, social e econômico era o feudalismo, baseada no escambo como moeda de troca.

No decorrer do tempo, as expansões terrestres e marítimas e o advento das Cruzadas trouxeram novas maneiras de se negociar e também novos produtos. As feiras se tornaram espaços de grandes reuniões de comerciantes vindos de várias regiões da Europa.

O advento da Revolução Industrial trouxe mudanças significativas na sociedade. A atividade humana de trabalho braçal foi sendo substituída por máquinas, o que gerou o êxodo rural e criou grandes centros urbanos, propiciando o surgimento de novas relações de produção e consumo, capital e trabalho. Novas relações entre nações se estabeleceram e fenômenos como a cultura de massa surgiram.



Fig. 4

Artesão na feira popular da Praça Zacarias, 1973
Fonte arquivo do autor

99

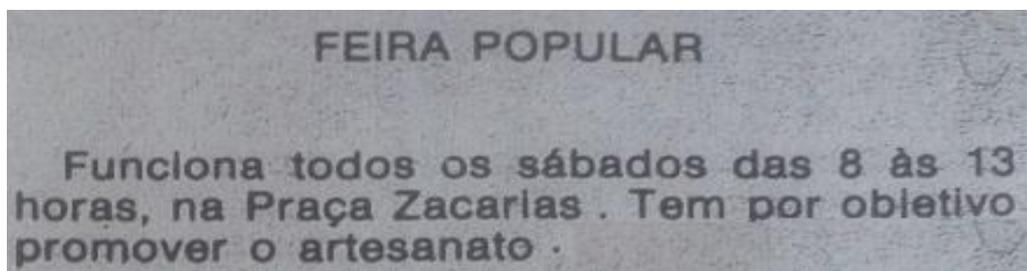


Fig. 5

Feira Popular . Fonte: Jornal Diário do Paraná, 1975

Nesse sentido, a feira também mudou. Já não se comercializavam apenas produtos agrícolas e artesanais, os produtos industrializados feitos a partir da produção de massa passaram a se estabelecer.

Como é possível perceber, as feiras ganham, ao longo do tempo, novas configurações e usos e são capazes de se "adaptar" às novas necessidades que as populações apresentam, transformando-se, muitas vezes, em locais de lazer, de interação social e cultural. Como é o caso da feira do Largo, que migrou várias vezes, perambulando pelas praças de Curitiba, quase



que sempre por motivos políticos, ideológicos e de contestação da arte e dos produtos de outra origem.



Fig. 6

Artesãos expondo sua arte, desta vez a feira migra para a Praça Tiradentes
Fonte arquivo do autor

As feiras, portanto, podem revelar em meio aos seus rizomas, relações que nos distanciam de uma interpretação meramente econômica, nos levando as direções onde histórias de vida, também são de resistência e perpetuadoras de culturas. E, essas facetas contêm dentro de si ecos das cidades, de seus habitantes, seus sentimentos e, para nós, o artesanato que os Híppies produziam, se torna também sinônimo de arte, cultura e representação.

Há uma obra, **A interpretação das culturas** (1989), em que o autor Geertz propõe demonstrar de uma forma simples, porém não superficial, o entendimento de cultura. Por meio de um estudo semiótico, Geertz descreve os indivíduos presos a uma estrutura de símbolos e significados que ele mesmo construiu, sendo assim para compreender sua cultura, antes se faz necessário interpretar esses símbolos e significados. Porém a interpretação desses símbolos não condiz à lógica de um decifrador de códigos, onde para Geertz isso na verdade é muito mais parecido como a análise de um crítico literário. Dessa maneira a etnografia permite visualizar e refletir essa simbologia, e entender as relações existentes no âmago de uma sociedade ou grupo.

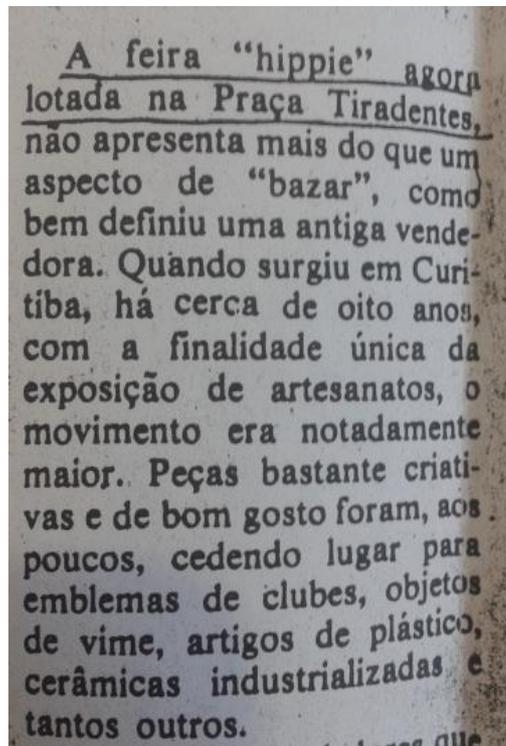


Fig. 7

Os Híppies e as mutações da Feira em seu ápice de origem.
Fonte: O Estado do Paraná, 1976

Cultura é, portanto um reflexo dos indivíduos “[...] sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muitos significativamente, sem cultura não haveria homens.” (GEERTZ, 1989, p.34). Sendo um reflexo da natureza humana, também é parte de um mecanismo social, [...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do que eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ. 1989, p.10).

Embora Geertz denomine de densidade, uma relação dicotômica e a relação entre dominado e dominante⁴ onde mais do que uma análise superficial e acidental das sociedades, necessita-se considerar que esse poder está presente nos diversos contextos, processos e

⁴ Parte desse universo dicotômico entre dominado e dominante apresenta-se o contexto social onde, no século XX, as sociedades americanas e europeias estavam inseridas. Os valores e crenças baseavam-se na ideia de família nuclear patriarcal e também na racionalidade científica, e partir desses princípios tinha-se a ideia de cultura oficial. Tal cultura era estabelecida como legítima e por meio de mecanismo de repressão, controle, mantinha e ainda mantém os indivíduos em uma suposta “ordem vigente”, dominados.



instituições sociais, a cultura também vem do latim *colere*, que significa cultivar.

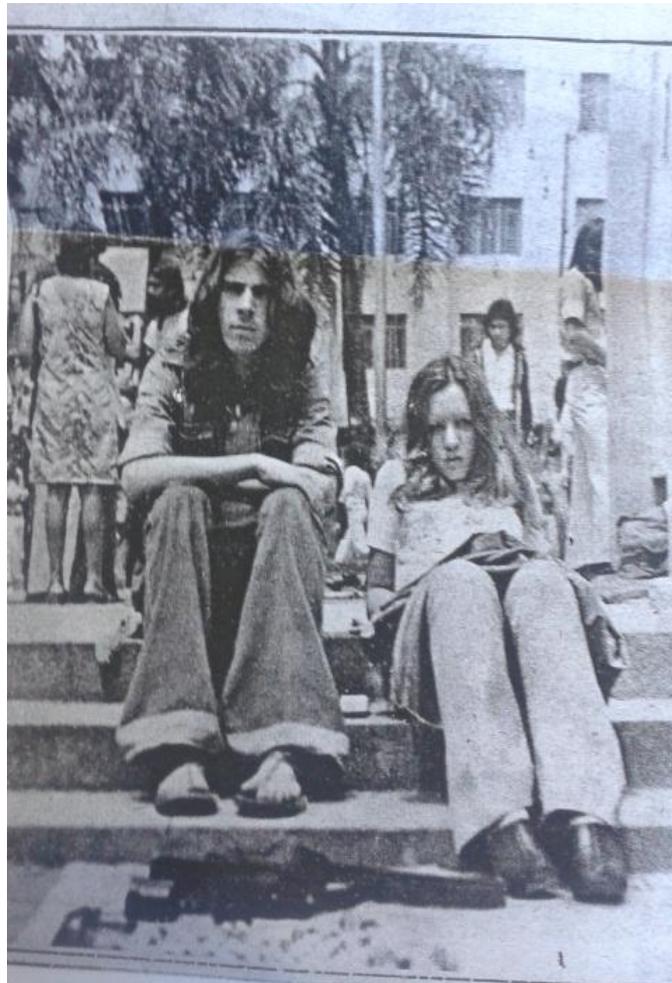


Fig. 8

Hippies expondo na Feira da Praça Tiradentes.
Fonte: Arquivos do autor

Não podemos esquecer que Curitiba está mergulhada na repressão exercida nos anos 1960-1970 pela ditadura que se estabelece no Brasil, porém essa nova ordem de valores e crenças seja no contexto amplo, ou como no específico não se estabeleceu como totalmente legítima, em contrariedade a essa nova cultura é que surge também o que viria a denominar-se como contracultura.

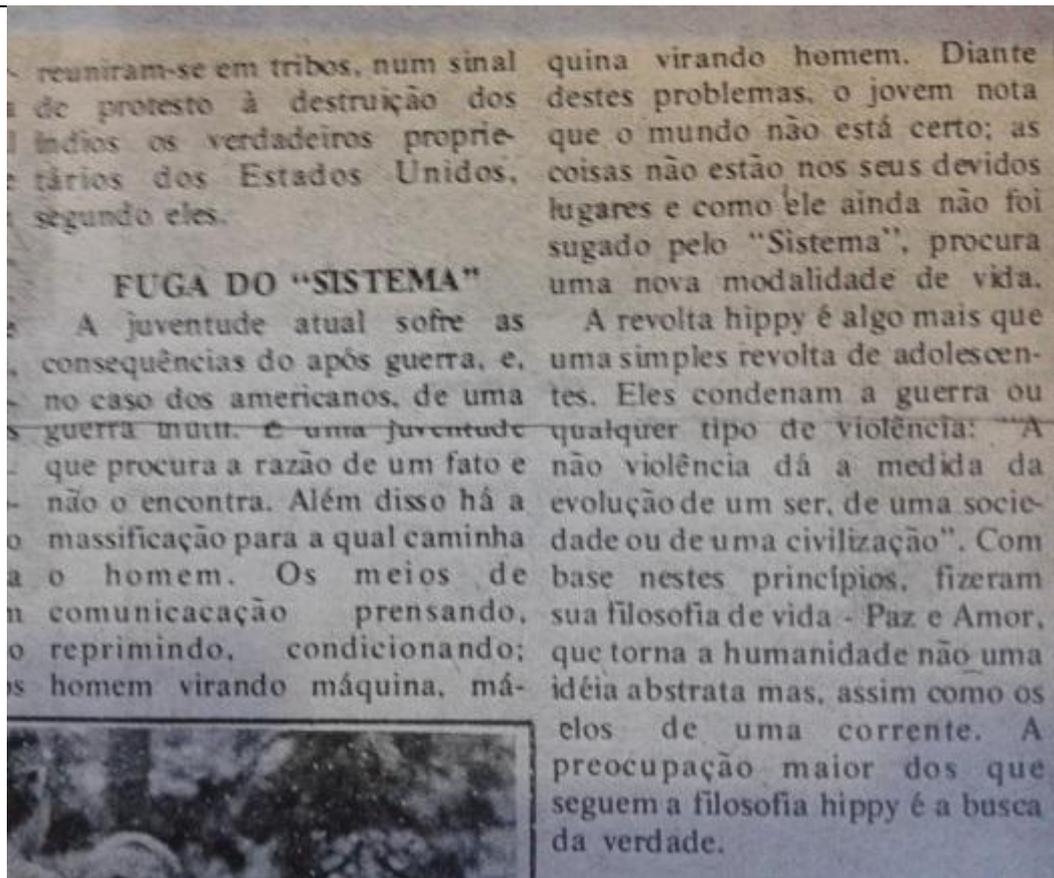


Fig. 9

Fuga do Sistema

Fonte: Jornal Gazeta do Povo em 1973

Assim que, com a nova conjuntura que as sociedades mundiais se configuravam em meados do século XX, a contracultura pode também ser em parte um desdobramento dessa nova cultura estabelecida, onde indivíduos, principalmente jovens norte americanos e europeus, reúnem-se em grupos distintos (Beatnik, Hippie, Panteras Negras, movimento Feminista entre outros) e lutam, entre outras, em prol da paz, do amor livre, do respeito, e do sentimento. No contexto desse escrito, esse dado é relevante uma vez que foi a partir das ideias do movimento Hippie, que a Feira começa.

Podemos dizer que o movimento hippie, tem seu surgimento na década de 1950 quando grupos marginalizados (Beatnik) vinham ganhando notoriedade na sociedade. Com uma ideologia antiintelectualista com movimentos de contestação e agitação, por meio da poesia denominada beat, exprimem suas angústias, dramaticidade e ideologias, onde, se comparado com a luta de esquerda tradicional, os Beatnik defendiam as crenças e noções de necessidade da desestruturação das massas ou a inércia grupal, um movimento denominado por



Perreira (1990) como um anarquismo romântico.

E é no interior desses grupos (Beatnik) que se encontrava Allen Ginsberg, fundador e líder do movimento de contestação “flower power” (poder da flor), o que viria a idealizar e conduzir na década seguinte (1960) o movimento Hippie, que se expressou com em grande ênfase no campo artístico, da pintura, da música (*rock n’ roll*) e misticismo oriental e espiritual.

O movimento Hippie escrachava a sociedade industrial e de massa estabelecida (tecnocrata). Considerado assim como um “estado de espírito”, caberia escolher entre o conformismo Square ou a revolução Hippie.

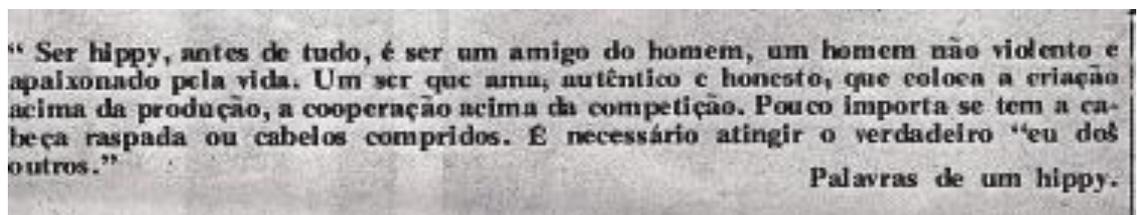


Fig. 10

SER Hippie (Hippy).

Fonte: Gazeta do Povo, Jornal Curitiba, 1973

A experiência de um indivíduo transmitida aos demais cria um processo de acumulação, não podemos esquecer-nos de citar que a globalização mundial (meados do século XX) e o acúmulo de informações onde “[...] diversos elementos passaram a pertencer a vários lugares de diferentes culturas, ao mesmo tempo em que os diferentes lugares conferem especificidades a fenômenos que são globais (BAUMAM, 2001, p.13)” contribuem para o controle na perspectiva discutida acima, mas situam esse contexto intitulando-o como cultura de massa.

Percebemos assim, que além do surgimento da contracultura, do fator controlador da cultura dominante já estabelecido, outro aspecto resultante dos processos em que o mundo transcorria proporciona a não delimitação entre culturas, e sim a incorporação de diversos fatores resultando em uma cultura que venha a atender interesses políticos e econômicos globais.

No Brasil na década de 1960, advindo do pensamento contracultural estrangeiro, mas também permeado em alguns aspectos (comunicacionais) do mundo globalizado e da cultura de massa a contracultura surge e o movimento tropicalista, manifestando principalmente na música, e tendo como objetivos promover a contestação comportamental da sociedade



brasileira assim como o regime militar, é um exemplo de movimento da contestação da ordem vigente.

Tendo como reflexo dessas intensas transformações que a sociedade estava mergulhada, é que nos aproximamos do começo da Feira do Largo da Ordem em meados da década de 1970, como um espaço de sociabilidade no quais os Híppies exibiam seu artesanato nas Praças de Curitiba-Pr. Como vimos, esses locais de encontro variavam, pois, além dos Híppies, havia também um comércio de antiguidades (mercado das pulgas) e a recém chagada dos produtos industrializados. Sendo assim, a feira foi se construindo fruto da união de várias feiras que ocorriam em diversos pontos do centro da cidade, como por exemplo, a Feira da Praça Zacarias, a Feira da Praça Tiradentes, o Mercado das Pulgas no Largo, entre outras. E alguns questionamentos já se fazem presente:

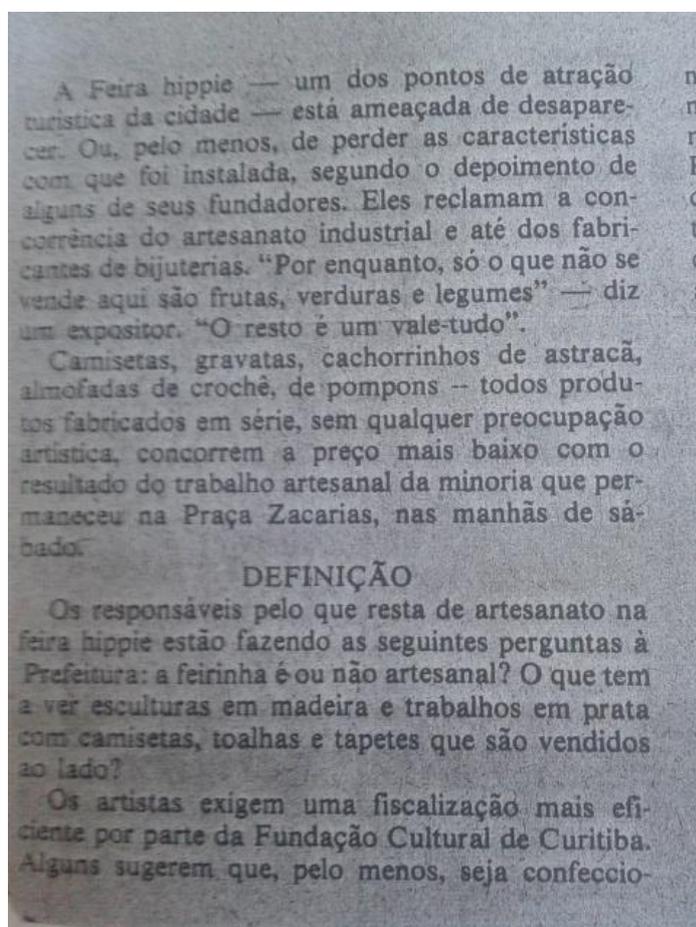


Fig. 11

O que será da Feira Hippie?

Fonte: Jornal Estado do Paraná, 1974

Desde o seu início, houve uma série de mudanças geradas por aspectos econômicos a Feira foi transferida para um centro histórico da cidade de Curitiba o Largo da Ordem.



O Largo fica no Bairro São Francisco e abrange parte das edificações mais antigas de Curitiba, como por exemplo, a Casa Romário Martins (século 18), a Casa Vermelha, construções da segunda metade do século 19 e a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco (1737). Nos séculos 18, 19 e em parte do século 20, o Largo da Ordem era uma área de intenso comércio. Desde 1917 o nome oficial é Largo Coronel Enéas, em homenagem ao coronel Benedito Enéas de Paula. Entretanto, o lugar é conhecido como Largo da Ordem.

Como parte da cultura e tradição⁵ da cidade de Curitiba a Feira do Largo da Ordem é um espaço cheio de cores, sons, cheiros e interações sociais e culturais onde se constrói cotidianamente a memória dos sujeitos nela envolvidos, sejam os feirantes, frequentadores ou turistas.

E é nesse contexto de um local onde os indivíduos (hippies ou não) se socializavam ou/e vendiam seus artesanatos, é que também se inicia um confronto de interesses entre a sociabilidade contestatória e a institucionalização e industrialização do espaço.



Fig. 12

Espaço de feira, o Largo da Ordem.

Fonte: arquivos do autor

Tomando como símbolo ideológico, há uma sociedade industrial e massificada, os hippies encontram um alibi na sua “*produção*”, o artesanato, como forma de crítica e resistência ao então contexto social. Quando

⁵Leva-se em consideração para essa afirmação, o controle em Geertz (1989) a globalização e os dizeres de Baumam (2001) sobre cultura de massa.



[...] a arte é a antítese social da sociedade, e não deve imediatamente deduzir-se a desta. A constituição da sua esfera corresponde à constituição de um meio interior aos homens enquanto espaço da sua representação: ela toma previamente parte na sublimação” (p. 19) [...] quando é permitido a alguns homens se dedicarem a uma atividade criação artística nesses termos, estes realizam um trabalho em algo que resiste às imposições de uma ordem social, que ainda traz sofrimento em demasia a seus membros (ADORNO, 1988, p. 9).

Ou seja, a arte é compreendida como forma de expressão, reflexão e crítica do indivíduo ao contexto social em que se encontra, mesmo que a resistência só seja possível com a expressão de sua subjetividade por meio do exercício da fantasia, movimento capaz de denunciar as condições objetivas de renúncia e de autodestruição, bem como de desvelar indícios do que poderia ser diferente.

A arte sendo processo de autoconsciência da humanidade, portanto um reflexo antropomorfizador da realidade, desafia o princípio da razão predominante ao representar a ordem da sensualidade (cognição sensitiva), pois invoca a lógica da gratificação contra a da repressão (MARCUSE, 1981).

Já Mário de Andrade (1938, p. 4), em **O artista e o artesão**, nos fala sobre artesanato:

[...] é uma parte da técnica da arte, amais desprezada infelizmente, mas a técnica da arte não se resume ao artesanato. O artesanato é parte da técnica que se pode ensinar, mas há uma parte da técnica da arte que é, por assim dizer, a objetivação, a concretização de uma verdade interior do artista.

E a leitura da subjetividade contida na história, advindas das entrelinhas dos folhetins e artigos de jornais, fotos e relatos da Feira do Largo da Ordem nos contempla para e a entender esse sentimento da arte e do *zاناتo*, e conseqüentemente do artesanato, uma vez que, como ressalta Andrade (1938), o artefato artesanal compreende também um testemunho que revela por vezes a relação do indivíduo e sociedade. Sendo assim, na tensão entre repetição e criação, existe a possibilidade do objeto se revelar. Dessa maneira desponta de criação em meio à repetição e contém a rebeldia e a transgressão da própria repetição.

Mas,

Ao contrário, tudo o que o mero artista mecânico produz não possui nunca, nem para ele nem para qualquer outro, tal interesse. A sua milésima obra é como a primeira e existe no fim também mil vezes. Além disso, acrescenta-se a isso que, na época mais recente, as máquinas e a indústria foram aperfeiçoadas até o supremo grau e o mundo inteiro foi inundado, por meio do comércio, com coisas transitórias e belas, delicadas e aprazíveis. Diante disso, vemos que o único antídoto contra o luxo, caso ele pudesse e devesse



ser balanceado, é a arte verdadeira e o sentimento artístico verdadeiramente suscitado e que, ao contrário, a mecanização altamente desenvolvida, o artesanato refinado e a produção manufaturada preparam a ruína completa da arte (GOETHE, 1797/2005, p.89).

O que Goethe ressalta acerca do rebaixamento das artes no processo de intensificação comercial, em que a pressão exercida sobre os indivíduos e as coisas contribui não somente para manter uma espécie de barbárie, como também para vendê-la como civilização é o que ele mesmo nos antecipou num texto que discorre sobre a atividade livre do artista, cada vez mais obstruída pela, desde já, crescente mecanização na produção de objetos artesanais no fim do século XVIII e início do XIX, sendo o caráter de arte sucumbida pelo próprio artesanato.



Fig. 13

As manifestação da Arte e dos Industrializados rebatem nos Jornais.
Fonte: Diário do Paraná, 1977

As manifestações contidas nas práticas dos indivíduos podem se tornar objeto de estudo na pesquisa histórica, elas muitas vezes deixam uma gama de evidências entendidas por meio da linguagem, da escrita, da imagem, de objetos, depoimentos e muitos outros registros. Todas essas evidências esperam para ser operados e as narrativas sobre elas construídas e



reconstruídas.

Sendo que os espaços de sociabilidade entre os hippies que desenvolviam seu artesanato começaram a ser denominados como feiras, essas denominações por vezes, originaram a então Feira do Largo da Ordem dos tempos atuais. Entretanto esses espaços ocupados pelos hippies eram marcados pelo pensamento de livre escolha, escachando a ordem vigente já existiam antes mesmo das regularizações por parte da Prefeitura Municipal, que institucionalizou a feira.

Um trecho do jornal **Gazeta do Povo**: “Sábado dia 22 de março foi reaberta a Feira de Arte na Praça Zacarias. Já definitivamente regulamentada pela Prefeitura Municipal, torna-se um dos principais centros turísticos da cidade”. (**Gazeta do Povo**, 29 mai. 1970).

A vitrine é o olho do
magazine na rua — o cheque a prestação:
o seu vôo a roupa nova — o olho do povo no
nôvo interno da vitrine — o corpo torto: o
consumo-orgasmo se renova — a vitrine é o
polvo-magazine na rua — o anúncio o slo-
gam na mente a sua roda — o dopping ao
homem à mulher as suas vidas — por ter só
lucro quando vende a moda». Um poema seu
é vendido por NCr\$ 6,00, gasta em sua mon-
tagem plástica uma média de duas horas.

A análise do poeta marcando a contradição exposta, pois ao instituir a feira, a Prefeitura legitima a ação motivada pela Fundação Cultural de incentivo ao artesanato e ao artesanato local, Paranaense, regularizando os

trabalhos através de uma Comissão Organizadora e tornando-se um ponto turístico para os visitantes.

Valemos dizer uma reflexão sobre essa "legítima ação". O discurso assumido de incentivo ao artesanato passado pelas notícias dos folhetins vendidos na esquinas da cidade, está ligada ao fato de que os espaços de ocupação dos hippies e sua arte revelam, por assim dizer, uma forma de expressão única e legítima, e que por vez contesta a sociedade.

As páginas dos jornais utilizados nessa análise permeiam um universo de informações que se conectam em alguns momentos e que divergem em outros, mas, se posicionam claramente em relação ao contexto da sociedade na época, a ditadura repressiva e a institucionalidade da ordem.

Observamos que em alguns relatos de jornais do início da década de 1970, é que o ofício de artesanato não era reconhecido da mesma forma que as profissões ‘oficiais’ como citam: “[...] pintor de paredes de profissão e santeiro por arte”, e/ou “Durante a semana pipoqueiro e, aos sábados, artesanato”. (**Gazeta do Povo**, 24 mai. 1970). Na primeira citação refere-se à Lafaete Rocha Ribas do município da Lapa, PR que vem expor seus objetos entalhados em madeiras, e no segundo Laurentino Rosa dos Santos de Rio Branco do Sul, PR que expõem



seus cata-ventos na Praça Zacarias. Além de não serem consideradas como profissões, destacam que eram praticadas por pessoas idosas, onde se não houvesse incentivo e auxílio ameaçava-se a extinção.



Fig. 14

Artesão entre a Arte e o Zanato.

Fonte: arquivos do autor

Durante década de 1970, destacamos o surgimento (regulamentação pela Prefeitura) e funcionamento de três feiras que movimentavam o cenário da capital nos finais de semana, sendo que muitas das nomeações dadas originalmente foram modificadas durante o período – Feira Hippie, Arte e Artesanato, Mercado das Pulgas, Mercado Popular, Artesanato entre outras, além das mudanças de locais – Praça Zacarias, Praça Tiradentes, Praça Garibaldi, Largo da Ordem, visto ainda que muitos dos artesãos/expositores migravam entre as feiras.



Diante dessas variações nas feiras, uma análise descuidada, pode trazer resultados confusos ou prematuros, diante da reflexão sobre essas feiras.



Fig. 15

Mercado das Pulgas; Mercado das Pulgas; Os Hippies.

Fonte: arquivos do autor

Segundo o jornal **O Estado do Paraná**⁶ a Feira Hippie teve seu início com a união de quatro jovens, Aluizio, Carlito, Tóquio e Miriam, onde estes com uma lona expunham seus trabalhos na Travessa Oliveira Bello. Nos jornais ha uma representação da feira e dos hippies. Na matéria destaca-se um informe sobre o surgimento da feira e uma representação negativa dos hippies. Destaca-se que na primeira vez os hippies se instalaram no local, a "população desacostumada" a ver jovens esparramados pelo chão com seus cabelos compridos e barbudos, com roupas de blue jeans, que não pareciam tomar banho, teve como reação acionar a polícia que ao chegar ao local acabaram por prender os quatro hippies, sendo que após "alguns sermões" foram soltos pelo delegado.

⁶ O desaparecimento das feiras de artesanatos. **O Estado do Paraná**. Curitiba, 06 abr. 1975.

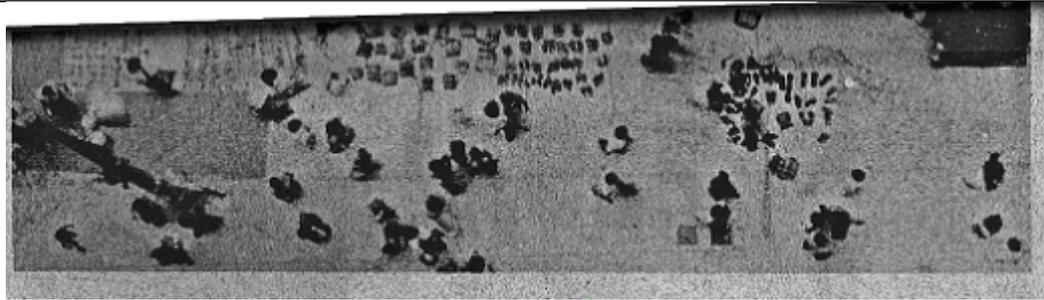


Fig. 16
Os Hippies expondo.
Fonte: arquivos do autor

Aqui observamos claramente o sentido atribuído à arte como antítese social da sociedade, descrito por Adorno, que nos chama atenção na escrita dos Jornais, nas ações de articulação das instituições mantenedora de um suposta ordem vigente.

A Feira Hippie também passou a ser conhecida como Feira Popular e Feira de Artesanato. Os artesãos se reuniam ali para estabelecer espaços de sociabilidades e comercializar produtos artesanais. A feira era realizada nas manhãs de sábado, inicialmente na Praça Zacarias até meados da década de 1976, e posteriormente foi transferida para a Praça Tiradentes onde permaneceu ali aproximadamente por oito meses e, novamente, é transferida em 1977 para o Largo da Ordem, porém após inúmeras discussões em 1978 retorna para a Praça Tiradentes.

Em 1971, no mesmo espaço da feira hippie se estabeleceu o Mercado das Pulgas. As atividades do Mercado das Pulgas eram realizadas no Largo da Ordem nas manhãs de domingo e propiciava aos frequentadores a venda e a troca de



Fig. 17
O mercado e os produtos eletrônicos.
Fonte: Folha 2, 1971

mercadorias antigas, moedas, gibis, selos entre outros produtos. A partir de 1974 sua denominação mudou para Mercado Popular, mantendo as suas características de venda e troca de mercadorias, e os eletrônicos começam a aparecer.



Junto ao Mercado das Pulgas nas manhãs de domingo, também era realizado a Feira de Arte e Artesanato na Praça Garibaldi anexo ao Largo da Ordem, onde esta se apresentava aos moldes da feira que realizava-se aos sábados na Praça Zacarias, isto visto que muitos dos artesãos que expunham aos sábados na Feira Hippie, aos domingos migravam para a Praça Garibaldi, ficando assim também conhecida como Feira Popular. Além da exposição de diversos produtos como antiguidades, produtos artesanais entre outros, nas feiras de domingo (Mercado das Pulgas e Arte e Artesanato) havia apresentações artísticas, entre elas um grupo de seresta.

Compreender esse processo de arte e *zanato* tão refletida inclusive nos tempos atuais e em notícias como: Os falsos hippies da Praça Zacarias; Na Feira dos Hippies atração e contraste; O que será da Feira Hippie e decadência da Feira Hippie é crer que o movimento hippie apresenta a arte do artesanato e a essa construção assume muitas vezes uma forma de manifestação tornando-se um modo de vida que condena formas de violência e exclusão.

As matérias jornalísticas além de promoverem uma representação sobre o contexto o hippies e de uma sociedade em processo de industrialização e migração do rural para o urbano em busca de novas oportunidades mostra nas feiras o momento da invasão de camelôs e ambulantes vendendo os mais variados produtos de origem manufaturada ou mesmo o artesanato com produções em série.

Observamos isso em um trecho do jornal **Gazeta do Povo** de 19 de maio de 1974:

Com o tempo passando, as feiras foram invadidas por estranhos “hippies” [...]. A grande maioria desses “hippies”, trabalha durante a semana em vários locais, como mecânicos, marceneiros, pintores, auxiliares de escritório, e tem até que é professor primário, que ganha comissões, sobre o produto de suas vendas, na sua grande maioria, produzido em série.

A proliferação do *zanato* vinha concorrer de forma desleal com os produtos artesanais. Percebe-se aqui que o discurso já está baseado no comércio e lucro, e a lógica da ocupação do espaço e do fazer a arte entendido como manifestação ao então poder constituído com intuito de demonstrar que o individuo não necessitava estar engajado numa certa ordem que ditava as regras para compreender o Ser, engloba até mesmo os hippies que foram ao longo do tempo percebendo e tendo que manter essa posição de venda para que não fossem empurrados ou convidados a se retirar do contexto das feiras.

“Na Feira dos hippies, atrações e contraste”; esse é o título de uma matéria do jornal **Gazeta do Povo** de 24 de maio de 1974 percebe-se que a feiras em si já não condiziam com a filosofia do movimento hippie, tornando-se um espaço de oportunidade onde indivíduos



carregando um rótulo de hippie vinham vender seus mais diversificados produtos. No final da década 1970, a Feira Hippie só tinha mesmo de hippie o nome, como percebemos no jornal o Estado do Paraná de 17 de outubro de 1976. A massificação de produtos toma conta do ambiente, tornando-se um local mais propício ao comércio e lucro do que um espaço de sociabilidade e da arte no sentido mais político do termo.

Sendo assim, podemos observar que apesar da institucionalização da feira ter ocorrido e as disputas pelo espaço ora de consagração da ordem, ora de negociação e ora de emergentes, ela não deixa de ser um espaço tenso e conflitante, marcado pelas vozes que muitas vezes só podemos escutar observando as entre linhas.

Acreditamos ainda que a ideologia hippie as idéias de mudanças e o pensar coletivo não terminaram e também não desapareceram, mesmo porque essas relações continuam ocorrendo até nos tempos atuais, transfiguram-se, modificam-se, mas continuam impulsionando o sentimento da cooperação e da criação.

Compreendemos que feira é um espaço onde ocorrem diversas relações, seja no contexto de comércio de produtos ou nas experiências dos indivíduos. Há indícios que revelam esse espaço oriundo de uma necessidade de subsistência na Idade Média mediante trocas, a feira desde então vem se transformando, incorporando contextos sociais que as rodeiam e podem direcionar o então “mundo conhecido” de tempos atuais.

O *zاناتو* aparece, portanto, como aparelho concreto dessa subversão, ele incorpora aspectos da arte, da cultura e da sociedade, tomando espaço e sobressaindo-se. Nas nossas análises é perceptível cronologicamente esse embate entre a arte e *zاناتو*. Em 1970 é visível a sociabilidade dos hippies e a formação da feira, de 71 a 75 é o auge dessas manifestações, sendo que a partir de 76 os discursos estão na perda da real ideologia da feira, a decadência do artesanato em concorrência aos manufaturados produzidos em série.



Fig. 18
Notícias de Jornal.
Fonte: Jornal o Estado do Paraná, 1976



Fig. 19
Hippies e o artesanato.
Fonte: arquivos do autor



Fig. 20

Produtos manufaturados, o conhecido zanato

O discurso, por vezes, ingênuo ou incompreendido que traça uma dicotomia entre o produto oriundo da arte e o da industrialização deixando superficiais as relações, exposto em jornais e folhetins da época cumpre com o seu papel dado o contexto em que a sociedade vivia, ou seja, um período onde os setores econômicos estavam em ascensão mediante a industrialização e produção em série, o que viria a inundar o mercado com novos produtos e necessidades, e, politicamente sobre um regime autoritário e ditatorial onde muitas das vezes a fim de se expressar os indivíduos buscavam formas subjetivas de se manifestar refletindo-se nas relações culturais/ideológicas.

Sendo assim, refletir sobre as possibilidades de determinados fenômenos que ocorrem e interagem com a complexa rede social, investindo simbologia, significados e interpretações, firmam que o *zanato* funciona como mecanismo de legitimação, de protesto e de controle enquanto a arte toma previamente parte na sublimação.

O Largo da Ordem continua sendo um espaço de contradição e de emergências, hoje a Feira Hippie é conhecida como Feirinha do Largo da Ordem e é um dos pontos turísticos mais lembrados da cidade de Curitiba. Contudo, em um dia de domingo passeando pela feira é



possível notar 4 ou 5 hippies vendendo seu artesanato no chão, como em 1970. Há também alguns artesões, muitos sabores e muitos produtos oriundos de fabricação em série. A dicotomia entre arte e *znanato* ainda é tema de artigos de jornais e está nas palavras daqueles que dão sentido ou estão de alguma maneira envolvidos com a Feira.

A Feira é política, é também espaço de sociabilidade entrecruzadas, revela facetas de poder e de dominação. Porém, o sentido da arte em 1970 permanece e transmuta em outras ações e em outros grupos, como por exemplo hoje, os grupos de Hip Hop, os Bluseiros, o Roqueiros e os Bolivianos com seus cantos e músicas capazes de nos transportar ao universo de magia e cultura enigmático. Ora, seriam esse os ecos destinados somente aos ouvidos atentos, que ruído fazem hoje ainda, e resistem.

É a arte fomentando novas perspectivas, olhares contraditórios, repletos de sonhos e intenções, como se as praças por si só tivessem alma e o Largo da Ordem um lugar mais que propício para que esses sentimentos ocorram e a busca por idéias, ideais e desordem lembremos: “Além de ser um ponto para tocar, Vender ou comprar objetos e produtos a Feira é o Lugar, Ideal para trocar, vender ou comprar idéias” (Fonte: Diário do Paraná – 12 nov. 1972), e “Nem tudo foi um mar de rosa em sua história. Houve momentos de séria crise” (Fonte: Estado do Paraná – 04 mai. 1974), e é na crise o âmbito das motivações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. **O artista e o artesão**. Aula inaugural dos cursos de Filosofia e História da Arte, Instituto de Artes, Universidade do Distrito Federal, Brasília, DF, Brasil [digitada], 1938.
- ADORNO, T. W. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BAUMAN, Z. **Individualidade**. In: Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- MARCUSE, H. **Eros e civilização; uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- PEREIRA C. A. M. **O que é Contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

